



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE LETRAS/LIBRAS-PARFOR

**GENISVALDO RAFAEL MOURÃO DE ALMEIDA**

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS  
PERCEPÇÕES DE UM DOCENTE**

PORTO NACIONAL/TO  
2020

**GENISVALDO RAFAEL MOURÃO DE ALMEIDA**

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS  
PERCEPÇÕES DE UM DOCENTE**

Artigo foi avaliado e apresentado Curso de Letras: Libras - PARFOR do Campus de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins- UFT para obtenção do título de Licenciado em Letras: Libras e aprovado em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Profª Drª Katia Rose Pinho

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A4471 Almeida, Genivaldo Rafael Mourão de .  
Língua brasileira de sinais percepções de um docente. /  
Genivaldo Rafael Mourão de Almeida. – Porto Nacional, TO, 2020.  
22 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras  
Parfor, 2020.

Orientador: Katia Rose Pinho

1. Surdos. 2. Inclusão. 3. Língua de sinais brasileira. 4. Docente.  
I. Título

**CDD 419**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**GENISVALDO RAFAEL MOURÃO DE ALMEIDA**

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS  
PERCEPÇÕES DE UM DOCENTE**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Licenciatura, Curso de Letras: Libras para obtenção do título de Licenciado e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Rose Oliveira de Pinho (orientadora) UFT- Porto Nacional

---

Prof. Dr. George França dos Santos, UFT- Porto Nacional

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Adelaine Valéria Gomes Lima, UFT- Porto Nacional

Porto Nacional, 2020

*Dedico este trabalho ao aluno Danilo, que foi o meu primeiro desafio e contato com um aluno surdo no ano 2013 na Escola Estadual Beira Rio no Distrito de Luzimanges - Municipio de Porto Nacional – TO. O trabalho de acompanhar e ensinar um aluno que não se comunicava, não interagia com os demais alunos, que se sentia à margem e em muitos momentos excluído da dinâmica da sala de aula e por vezes até mesmo da escola me fez enxergar com o coração a sua necessidade de comunicação e me deu a oportunidade de mergulhar no universo da língua brasileira de sinais. Graças a esse desafio hoje estou concluindo mais essa etapa da minha vida acadêmica, certo de que desafios virão, tão grandes ou até mesmo maiores do que esse, contudo sei que o Deus a quem eu sirvo estará comigo e me dará através dos desafios grandes oportunidades de crescer enquanto pessoa, cidadão e docente. Portanto minha homenagem a este aluno e a tantos outros que enriqueceram minha vida e trabalho através dessa interação.*

*Muito Obrigado a vocês.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que abriu portas, me deu a oportunidade e os meios de concluir essa graduação, que me guardou, me capacitou e me deu forças para chegar até o fim dessa etapa da minha vida. Também preciso agradecer aos professores que sempre estiveram comigo, apoiando e me ajudando no caminho árduo de aprendizado e conquista dessa nova graduação, em especial agradeço à professora Orientadora Kátia Rose Pinho, que assumiu a orientação desse trabalho e que muito me ajudou orientando o processo de construção do mesmo. Por fim agradeço a minha família, meus pais, Antônia Mourão de Almeida e Juarez Gama de Almeida, minha esposa Ana Paula dos Santos e minha filha Rafaela Santos Mourão que sempre estiveram e estarão comigo em todos os caminhos, me apoiando, orando por mim, acreditando em mim (mesmo que por vezes nem eu mesmo acredite). Eles são meu apoio e a minha base, amo vocês.

## RESUMO

O presente trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, tendo assim como principal objetivo evidenciar os acontecimentos históricos que contribuíram para o surgimento da Língua Brasileira de Sinais, bem como fundamentar a importância da Libras no desenvolvimento social dos surdos à partir da percepção e perspectiva do docente que trabalha em escola regular como intérprete. Cumpre ressaltar a importância da inclusão educacional de surdos que tem sido frequentemente debatida, especialmente pela condição bilíngue e bicultural dos alunos, o que exige práticas diferenciadas de ensino que partem da Língua Brasileira de Sinais. A Libras desde seu surgimento possibilitou aos surdos uma melhor interação interpessoal, proporcionando integração em diversos âmbitos da sociedade, desmistificando a ideia de que os surdos teriam incapacidade intelectual, não estando aptos a desenvolver qualquer tipo de atividades seja elas educacionais ou não. O trabalho como docente de libras e também enquanto intérprete em escolas de ensino regular, possibilita a experiência e contexto real da vivência do surdo no âmbito de uma sociedade em que a maioria não é e não está preparada para o convívio real com o sujeito surdo, dificultando a vivência da escola como o lugar em que a troca de saberes e relações interculturais ocorre, a verdade é que nela o aluno surdo inserido no contexto da rotina escolar consegue ser reconhecido como indivíduo, participe da sociedade em que está inserido e em seguida, não menos importante a percepção por parte da comunidade escolar da cultura, linguagem e da própria existência do surdo na sociedade, despertando em muitos o desejo de conhecer melhor e de interagir com esse universo tão encantador, a Libras e sua interação cultural.

**Palavras-chave:** Surdos. Inclusão. Língua de sinais brasileira. Docente. Intérprete.

## ABSTRACT

ABSTRACT: The present work was carried out through a bibliographic review, with a qualitative approach, having as main objective to highlight the historical events that contributed to the appearance of the Brazilian Sign Language, as well as to base the importance of Libras in the social development of the deaf from the perception and perspective of the teacher who works in a regular school as he interprets to emphasize the importance of the educational inclusion of the deaf that has been frequently debated, especially due to the bilingual and bicultural condition of the students, which requires different teaching practices that start from the Brazilian Sign Language. Libras since its emergence has enabled deaf people to have better interpersonal interaction, providing them with integration in various areas of society, demystifying the idea that deaf people would have intellectual disabilities, not being able to develop any type of activities, whether educational or not. The work as a teacher of Libras and also while interpreting in regular schools, enables the experience and real context of the deaf experience in the context of a society in which the majority is not and is not prepared for real coexistence with the deaf subject, hindering the experience of the school as the place where the exchange of knowledge and intercultural relations occurs, the truth is that in it the deaf student inserted in the context of the school routine manages to be recognized as an individual, participant in the society in which he is inserted and then, no less important the perception on the part of the school community of culture, language and the very existence of the deaf in society, awakening in many the desire to get to know better and to interact with this enchanting universe, libras and its cultural interaction.

**keywords:** Deaf. Inclusion. Brazilian sign language. Teacher. Interpreter

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 CONCEITO DE SURDEZ.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Artefatos culturais da língua de sinais.....</b>	<b>14</b>
<b>4 ASPECTOS LEGAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>5 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>5.1 Ensino regular .....</b>	<b>17</b>
<b>5.2 Atendimento educacional especializado - AEE .....</b>	<b>17</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais ao longo do tempo foi considerada como um amontoado de gestos que gerou uma perspectiva social, em que o cidadão surdo por vezes é visto como um mero deficiente, incapaz de expressar o pensamento ou até mesmo de ser inserido como sujeito integral na comunidade normalista.

No entanto, nos últimos anos, precisamente em 2002, Língua Brasileira de Sinais (libras) foi reconhecida conforme a Lei de nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e acerca da escrita do português como L2 e também regulamentada pelo Decreto 5.626/05, que assegura às pessoas surdas, a presença desta língua “em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior” (BRASIL, 2005, Artigo 14).

Diante do exposto percebe-se um aumento considerável de alunos surdos na escola regular, ao contrário do que ocorria em décadas anteriores, quando esses alunos se concentravam em instituições especiais. Essa presença traz novos desafios ao espaço escolar como a diferença linguística e cultural dos alunos surdos e também a relação Libras e profissionais da educação, especificamente os que atuam em ensino regular. Nota-se que a Libras, de certa forma, encontra-se fora dos “padrões” de capacitação por muitos professores, o que é reforçado por Santos (2015) ao afirmar que no âmbito escolar, quando se trata de situações que dependem do uso de Libras, muitos docentes não têm capacitação alguma ou adequada para atender às pessoas surdas.

MARCUSCHI (2001, p. 125) afirma que a língua não é mero instrumento de transmissão de informações, e seu uso deve assumir um lugar de destaque, já que é um fenômeno sociocultural, construída pela interação e contribui para criação de novos mundos.

Em meio à desafios e obstáculos, conquistas e avanços do indivíduo surdo, este artigo visa discutir questões inerentes à formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelos professores e uso dela no ensino e aprendizagem do aluno surdo no ensino regular. Tendo como principal objetivo identificar alguns problemas no atendimento do professor da sala regular junto aos alunos surdos.

Para se alcançar o objetivo dessa pesquisa explorou-se uma abordagem qualitativa, visto que apresenta resultados por meio de percepções e estudos bibliográficos e documentais. Segundo orientações de Gil (1987, p. 17), “a pesquisa

bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

## 2 FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

As línguas de sinais por algum tempo eram denominadas linguagem de sinais, mas, após pesquisas feitas por estudiosos sobre o assunto, foi comprovado seu status linguístico, passando a ser considerada línguas naturais da comunidade surda. Brito (1998, p.19) faz a seguinte afirmação sobre se considerar línguas de sinais como naturais:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (BRITO, 1998, p.19)

O precursor dos estudos acerca das línguas de sinais pode-se dizer, o pai da linguística foi Stokoe (1972) que estabeleceu a análise dos aspectos fonológicos. Ele identificou os três parâmetros da ASL, que serviram de base para estudos em outras línguas de sinais. Segundo os estudos de Stokoe, cada sinal possui pelo menos três parâmetros que podem ser identificados como configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Locação(L). Posteriormente foram adicionados ainda dois outros parâmetros baseados nos estudos de Stokoe; Orientação ou direcionalidade (OR) e expressões não manuais (ENM) que completam os aspectos sintáticos e morfológicos da língua de sinais. Podemos definir os parâmetros da língua de sinais como traços que comportam as mesmas estruturas linguísticas das línguas orais que são estruturadas a partir de unidades mínimas. que combinadas dão surgimento à trabalham na construção de unidades mais complexas, as quais deverão obedecer obedecendo as regras estabelecidas de sentido e coerência. Outra semelhança que podemos destacar entre as línguas é que as mesmas possuem variações linguísticas que são fortemente influenciadas pela cultura regional onde é empregada, atribuindo assim uma modalidade linguística com diferentes níveis de relação sociocultural.

### 3 CONCEITO DE SURDEZ

Os surdos organizam-se politicamente, convivem com ouvintes e com outros surdos, produzindo dessa forma uma cultura surda bem organizada. Por não se comunicarem como os ouvintes, através da fala, não deve ser fator de exclusão ou de segregação, minimizando assim as capacidades de aquisição ou construção de conhecimento. Fato é que o aluno surdo é plenamente capaz de aprender e trocar conhecimentos, experiências e influenciar através da sua cultura e das suas vivências, o meio em que está inserido, basta uma postura sensível e aberta daqueles que participam desse meio.

Lembrando que o que define a comunidade surda são as relações e interligações em que existem possibilidades de interação, ampliada por recursos de experiências visuais com a finalidade de uma comunicação aceitável entre os indivíduos, considerando todos os aspectos da língua alvo. O objetivo mais claro da linguagem é o reconhecimento da comunicação entre pares que partilham de um mesmo código linguístico, mas isso vai além do aspecto comunicativo, pois insere o indivíduo no mundo do conhecimento e o ajuda a compreender aquilo que antes não conhecia. Outra função é a de estruturar o pensamento e com isso partilhar experiências e construir novos significados, tanto para a vida pessoal, quanto para o convívio em sociedade.

A surdez sempre esteve presente em todas as comunidades etnográficas e culturais. No entanto, as necessidades das pessoas surdas, em geral, não são percebidas pelos ouvintes, talvez isto aconteça pelo fato da surdez não ser algo que os incomodem diretamente como a marginalidade e a violência. Percebe-se que a realidade educacional, por meio da perspectiva histórico/cultural não favorece a legitimação da cultura surda a partir da língua de sinais de forma efetiva. A prática geral era por vezes, excluir, esconder e ignorar o surdo, tornando-o invisível aos olhos da sociedade.

É importante que se considere a heterogeneidade das pessoas com surdez e as diferenças entre os surdos, no sentido cultural do termo, e as pessoas com deficiência auditiva, já que cada grupo exigirá uma estruturação própria no seu processo educacional. Ao longo dos anos a concepção sobre surdez foi construída dentro desta indiferença, surgindo assim inúmeros equívocos em relação ao surdo, a surdez e a sua educação.

### **3.1 Artefatos culturais da língua de sinais**

Percebe-se que no caso dos surdos, a língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda. Desta forma, o uso de sinais pelos surdos ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação, constituindo-se o meio pelo qual se expressam as subjetividades e as identidades desses indivíduos. Sendo assim, toda a sociedade deve encarar a cultura surda como algo a não ser imposto e modificado, mas como algo a ser experimentado, com gratidão pelo fato de estarmos lidando com um universo diferente e bem mais humanizado, compreendendo assim as mais variadas formas de interação entre culturas.

É notório o poder colonizador que a língua portuguesa impõe a esses indivíduos, desvalorizando assim seus aspectos culturais e naturais da língua visuo gestual, e uma criança surda, que for exposta à sua língua natural assim como as crianças ouvintes, são perfeitamente capazes de desenvolver uma educação coesa, desde que sejam motivadas e estimuladas com metodologias que valorizem sua cultura e os aspectos sociais ligados à sua identidade, pois assim eles tem entendimento das diferenças existente entre sua própria língua e as outras.

#### 4 ASPECTOS LEGAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Língua de Sinais ao longo do tempo foi considerada como um amontoado de gestos que gerou uma perspectiva social, em que o cidadão surdo por vezes é visto como um mero deficiente, incapaz de expressar o pensamento ou até mesmo de ser inserido como sujeito integral na comunidade normalista. No entanto, aconteceu uma grande evolução nos últimos anos, a educação das pessoas com surdez, tanto de surdos, no sentido cultural do termo, quanto de pessoas com deficiência auditiva transformou-se consideravelmente.

Com a Lei 10.436/02 e a regulamentação do Decreto 5.626/05, o processo educacional de alunos com surdez tem assumido novas configurações, devido, dentre outros, à presença da Língua de Sinais na educação e à organização do espaço escolar por meio de uma proposta de educação bilíngue.

A lei de nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 dispõe sobre a língua brasileira de sinais e acerca da escrita do português que não será substituído por qualquer outro meio de comunicação o que deixa claro que a forma escrita, é um rico meio comunicativo que deve ser motivado e incentivado àqueles que ainda não o detém. A forma escrita do português no contexto escolar do aluno surdo acontece como ensino de L2.

A inclusão de surdos no ensino regular significa mais do que apenas criar vagas e proporcionar recursos materiais; é necessário que a escola e a sociedade sejam inclusivas, assegurando igualdade de oportunidades a todos os alunos e contando com professores capacitados e comprometidos com a educação de todos. (FRANCO, 2009, p. 52).

O enorme desafio segundo Franco(2009) é portanto, ampliar a visão de todos os atores inseridos nele para perceber as necessidades de inclusão do aluno surdo, a escola precisa ser um ambiente pronto para atendê-lo com acolhimento, qualidade e preparo principalmente dos servidores que ali atuam, para tanto é imprescindível a capacitação dos professores em Libras e a presença de intérprete na unidade, isso garante acesso em igual nível de condições e oportunidades a todos os envolvidos, incluindo os alunos ouvinte, que além de aprender uma nova língua, poderão experimentar uma nova perspectiva enquanto pessoas e cidadãos.

## 5 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Atualmente, percebe-se a intensificação da presença de alunos surdos nas escolas comuns, ao contrário do que ocorria anos atrás, quando esses alunos se concentravam em instituições especiais. Essa presença traz novos desafios ao espaço escolar, que precisa lidar com a diversidade e, também, com a diferença linguística e cultural dos alunos surdos. Nesse sentido, diversas escolas comuns brasileiras implantaram propostas específicas para a educação de alunos com surdez, promovendo a construção de uma nova realidade marcada pelo uso da língua de sinais e, em alguns casos, pela formação de turmas somente com esses alunos.

A cultura normalista, denominada como ouvintista, possui caráter extremamente excludente, o que traz uma barreira cultural e comunicativa entre dois povos que vivem no mesmo território. Surdos e ouvintes têm se enfrentado em uma guerra linguística. Isso mostra a força que a língua de sinais trouxe para aqueles que até a pouco eram vistos como os que não possuíam voz no mundo. A partir da aquisição de uma língua o sujeito surdo passou a construir uma identidade cultural através de novas interações entre pares, se evidenciando como cidadão pensante.

Para Santana (2007) assumir que existe uma cultura surda é também admitir que, existe segregação entre surdos e ouvintes e que, de fato, há uma divisão social que influencia na formação e significação do povo em questão.

ALMEIDA (2015) observa que no contexto em que o surdo é ao mesmo tempo autor e protagonista de sua comunicabilidade, não há motivos para surdos e ouvintes continuarem a não se reconhecer como integrantes da mesma sociedade brasileira. Vale ressaltar que a sociedade ainda acredita na incapacidade e não evolução do surdo, por este motivo, faz-se necessário romper com o processo de hierarquização social que tem por base a comunicação humana.

Quando há uma ausência de domínio de uma língua comum entre surdos e ouvintes, nota-se que dificulta e até mesmo impede a interação, a comunicação e a própria construção do conhecimento. Podendo ocorrer a exclusão dos surdos, pois, as crianças buscam sempre a companhia daqueles que aceitam e dão atenção e partilham dos mesmos interesses, portanto, a linguagem desempenha um papel decisivo no processo de ensino-aprendizagem no interior das salas de aula.

## 5.1 Ensino Regular

A vivência dentro da escola regular de ensino possibilita ao professor de libras bem como o intérprete que atua como mediador entre o professor regente e o aluno surdo mediar os caminhos para o aprendizado do aluno assistido, proporcionando a este, possibilidades de interação, troca de experiências, questionamento e discussão dos mais diversos temas abordados no contexto escolar. Essa prática insere verdadeiramente o aluno na comunidade em que atua, trazendo luz às suas inquietações, suas experiências e suas dificuldades, no mesmo patamar educacional que os alunos ouvintes, proporcionando assim a todos os integrantes inseridos no espaço educacional a possibilidade de uma inclusão benéfica e que contempla aceitação e conhecimento da cultura e língua dos surdos.

## 5.2 Atendimento Educacional Especializado - AEE

Para que o aluno surdo tenha acesso a todos os conteúdos curriculares de forma satisfatória, é necessário que ele participe dos momentos didáticos pedagógicos oferecidos no contra turno na própria escola, preferencialmente, que são o AEE em Libras, de Libras e para o ensino da Língua Portuguesa e demais conhecimentos que são abordados em sala de aula, no entanto, a linguagem e a comunicação são fundamentais no processo de aquisição dos conhecimentos, como afirma DAMAZIO (2007):

O Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa acontece na sala de recursos multifuncionais e em horário diferente ao da sala comum. O ensino é desenvolvido por um professor, preferencialmente, formado em Língua Portuguesa e que conheça os pressupostos linguísticos teóricos que norteiam o trabalho, e que, sobretudo acredite nesta proposta estando disposto a realizar as mudanças para o ensino do português aos alunos com surdez (DAMÁZIO, 2007, p. 38)

Ofertar esse atendimento no contra turno, com professor especializado e disposto a adaptar seu trabalho, visando o aprendizado da Língua Portuguesa bem como de todos os conteúdos curriculares pelo aluno surdo, proporcionando mais do que apenas o letramento em si, mas também a possibilidade de dialogar em um universo oralista que não está preparado para interagir com a comunidade surda em questão. Isso significa que o surdo que lê e escreve consegue realizar muito mais e

integrar-se melhor no mercado de trabalho, na vida social e acadêmica, abrindo-lhe portas para a realização de qualquer tarefa. Sendo assim pode-se afirmar que o ensino da Língua Portuguesa ao surdo no contra turno é algo eficaz e necessário para o auxílio do processo de ensino aprendizagem do sujeito surdo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é a primeira barreira que o aluno surdo encontra quando chega à escola regular, e a falta de uma língua comum entre surdos e ouvintes, além de dificultar a interação e a comunicação, prejudica também o aluno surdo na construção de conhecimento. Nota-se também a importância do Atendimento Educacional Especializado em seus três momentos pedagógicos (AEE em Libras, de Libras e para o Ensino da Língua Portuguesa), para fornecer a base conceitual dos conteúdos curriculares desenvolvidos na sala de aula, complementando o que está sendo estudado.

Portanto, as políticas públicas precisam tratar os alunos ouvintes como ouvintes, os surdos como surdos e os com deficiência auditiva como alunos com deficiência auditiva, considerando as especificidades do indivíduo e visando ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Para tanto nota-se que existe pouca intervenção nesta área em questão, pois mostra-se relevante o problema nas instituições de uma forma geral e nos traz à tona uma única pergunta, os profissionais estão devidamente capacitados para entender e atender este público ?. A literatura apresenta pouca pesquisa que venha de encontro a esta questão mas é de fundamental relevância que entendamos a importância do uso de conceitos e metodologias que venham permear este universo visual que a língua de sinais proporciona no que diz respeito à formação acadêmica, social e cultural dos alunos surdos inseridos no âmbito escolar.

Logo, considerar a atuação do profissional de libras como parte do processo de inclusão, aprendizagem e construção do conhecimento é essencial para que a interação entre o surdo e a comunidade escolar ocorra de maneira satisfatória; entender que a limitação linguística é um fato que pode ser superado através da boa vontade dos atores que integram o contexto onde o surdo está inserido, bem como, dar lugar à interação, troca, discussão entre a cultura geral e cultura surda, enriquecendo a todos, e proporcionando principalmente ao aluno surdo a consciência de si mesmo enquanto cidadão. Para tanto a fluência da língua de sinais bem como a faculdade linguística para essa área onde se compreende o sujeito como um todo é um fator predominantemente necessário pois através destes recursos pode-se alcançar os resultados esperados no que se diz respeito à

transmissão de conhecimento, respeito e valorização de sua cultura como um patrimônio linguístico.

Concluindo podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem ocorre quando o aluno tem a liberdade de ser, expressar, dialogar, trocar, vivenciar e criar, independente de suas limitações físicas ou linguísticas. Sendo assim o aluno surdo, para ser inserido verdadeiramente no processo educacional necessita do aporte de um profissional mediador com fluência em libras e conhecimento da cultura surda bem como formação específica no ensino de surdos, que proporcione a transmissão de conhecimento e avalie cada indivíduo baseado em metodologias visuais e satisfatórias; esse profissional o ajudará a desvendar as cortinas do conhecimento escolar bibliográfico e empírico, podendo ir além disso, pode e deve atuar como facilitador da interação entre os ouvintes e o surdo, dando a este a segurança e consolidação de sua identidade.

Para tanto a pesquisa levantada nas bibliografias, não se fazem satisfatórias para responder as questões levantadas, pois se faz necessário um levantamento de dados *in loco* para colher as possíveis realidades encontradas nas instituições de ensino no que se trata da formação e habilidades de transmitir o conhecimento a este público em questão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei Federal n. 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em setembro de 2019.

BRASIL. *Lei Federal n. 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm) Acesso em setembro de 2019

BRASIL. *DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm): Acesso em setembro 2019

CAPOVILLA. Políticas de educação regular e especial no Brasil: sobre os perigos de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes. In: ARAÚJO, A. (org). **Aprendizagem infantil**: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011.

DAMÁZIO, M. F.M. **Deficiência Auditiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2007.  
FAVERO, Maria Helena; PIMENTA, Meireluce Leite. Pensamento e linguagem: a língua de sinais na resolução de problemas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.19, n. 2, p. 225-236, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/247852613Pensamento\\_e\\_linguagem\\_a\\_lingua\\_de\\_sinais\\_na\\_resolucao\\_de\\_problemas](https://www.researchgate.net/publication/247852613Pensamento_e_linguagem_a_lingua_de_sinais_na_resolucao_de_problemas). Acesso em set. de 2019.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as deficiências**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.  
KOCH, I.G.V. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2001.  
MOURA, Maria Cecília. **O surdo**: Caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PEREIRA, Maria Cristina da C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI A. C. B; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de; TESKE, O. (org.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

PERLIN, Gládis Teresinha Tachetto. Identidades surdas. In: (Org.) SKILIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar Português para alunos surdos**. Brasília, DF: MEC: Seesp, 2006.  
QUADROS. R.M. - “O Tradutor Interpretador de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. MEC. Brasília, 2004.

QUIRINO-da-SILVA, R.S.- “O Intérprete de Libras no contexto do ensino superior”. **Revista Teias**, DOI. 10.12957. 2016.

RINALDI, Giuseppe et al (Org.). **Deficiência auditiva**. Brasília DF: SEESP, 1997. \_ (serie Atualidades Pedagógicas; n.4). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me002295.pdf> Acesso em 23 de setembro de 2019.  
SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante & LAPLANE, Adriana Frizman. O trabalho em sala de aula: teorias para quê? **Cadernos ESE**. NITERÓI, RJ, v. 01, n. 01, p. 78-82, 1993.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Bragança Paulista: Edusf, 1999.

SCHUBERT, S.E de M. **Entre a Surdez e a Língua: Outros sujeitos...** Novas relações (intérpretes e surdos desvelando sentidos e significados). Curitiba: Prismas, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, maio-ago. 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes. 1996.  
REVISTA VEJA, Artigo da coluna Primeira Pessoa, Jornalista Rita Loiola, publicado em 10 de janeiro de 2017, disponível em : <https://complemento.veja.abril.com.br/primeira-pessoa/o-surdo-vive-como-um-estrangeiro-em-seu-pais.html> Acesso em 20 de dezembro de 2019.